

Um Estudo Sobre o *Habitus* do Professor Administrador

A Study about the *Habitus* of the Administrator Teacher

Rovânio Bussolo^a; Gildo Volpato^{b*}

^aCentro Universitário Barriga Verde. SC, Brasil.

^bUniversidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação. SC, Brasil.

*E-mail: giv@unesc.net

Recebido em: 30/04/15. Aprovado em: 01/09/15

Resumo

Em um campo social, os agentes lutam por seus interesses, manifestando seus comportamentos, atitudes e modos de pensar. No campo da administração, encontra-se, também, o professor administrador, que desenvolve certos hábitos profissionais que acabam por interferir em sua prática pedagógica. Neste sentido, o objetivo deste estudo foi conhecer o *habitus* do professor administrador nos cursos de administração da região carbonífera e perceber como se manifestam no contexto da sala de aula, na percepção de professores administradores e estudantes. A pesquisa foi realizada em três Instituições de Ensino Superior localizadas na Região Carbonífera, sul do Estado de Santa Catarina. Participaram oito professores administradores que atuam nos três cursos de Administração e quarenta e dois estudantes que estão no último semestre do curso. A pesquisa foi do tipo descritiva com abordagem qualitativa. O estudo demonstrou algumas características ou perfil que podem suscitar, ao longo do processo de formação e de exercício da profissão, a corporificação de certos *habitus* nos professores administradores, que se manifestam na sala de aula.

Palavras-chave: Curso de Administração. Ensino da Administração. *Habitus*.

Abstract

In a social field, agents fight for their interests, expressing their behaviors, attitudes and thinking ways. In the business administration area, there are also administrator teachers who develop certain professional habits which end up by interfering in their teaching practice. Therefore, the purpose of this study was to know the administrator teacher's habitus at the undergraduate Business Administration Courses and verify how they (habitus) appear in the classroom context, as well as in the administrator teachers' and students' perception. The research was carried out in three higher education institutions located in the Coal Region, southern state of Santa Catarina, Brazil. The participants were eight (08) administrator teachers who work in the three business administration courses and forty-two (42) students who are in the last term of their course. It was a descriptive research with a qualitative approach. Results have shown some characteristics or profiles that may arise throughout the process of training and profession practice and the embodiment of certain habitus, from administrator teachers, that appear in the classroom.

Keywords: Business Administration Course. Management Education. *Habitus*.

1 Introdução

Em contato com estudantes e professores do curso de Administração é possível observar diferentes pensamentos e comportamentos que permeiam esse espaço acadêmico de preparação profissional. Os estudantes acabam se identificando com determinados comportamentos e atitudes dos professores, assumindo-os, como correspondentes ao esperado para um professor Administrador.

A partir dessas percepções foi definido como problema de pesquisa, quais são os *habitus* docentes dos professores administradores dos cursos de administração da região carbonífera, sul de Santa Catarina, e como se manifestam na sala de aula na percepção dos professores administradores e dos estudantes?

Para Bourdieu (1984) *habitus* são estruturas estruturadas que funcionam como princípio que cria e estrutura as práticas e as representações dos sujeitos. Está relacionado com regras não explícitas, com costumes, atitudes ou pensamentos que o

sujeito constrói a respeito do mundo objetivo que orienta a sua atividade prática.

A partir desse entendimento foi estabelecido como principal objetivo deste estudo compreender o *habitus* do professor administrador nos cursos de administração da região carbonífera e perceber como se manifestam no contexto da sala de aula, na percepção de professores administradores e estudantes.

Os objetivos específicos buscaram identificar quais *habitus* podem ser considerados como próprios dos professores administradores; verificar quais Teorias Gerais da Administração - TGA dominam as crenças teóricas dos professores e alunos e; verificar como se relacionam os *habitus* dos professores administradores com os objetos de estudo e conteúdos de formação do administrador.

2 Material e Métodos

Esta pesquisa foi do tipo descritiva com abordagem qualitativa. O *locus* foi os três cursos de Administração

existentes na região carbonífera, localizada no sul do Estado de Santa Catarina, pertencentes a três Instituições de Ensino Superior (IES), que são: Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, Centro Universitário Barriga Verde - Unibave e Escola Superior de Criciúma - Esucri. A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2013.

Para participar da pesquisa, como critério de seleção, o professor administrador, necessariamente, teria de estar lecionando em mais de um curso superior de administração, entre os três existentes e ter a formação em administração.

A partir desse critério foi obtido um número de oito professores, que concederam a entrevista semiestruturada nas próprias IES.

De acordo com André (1995, p.28), as “entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados”. De acordo com Hair Jr., (2005, p.163), na abordagem de uma entrevista semiestruturada “o pesquisador fica livre para exercitar sua iniciativa no acompanhamento da resposta de uma pergunta”.

Quanto aos estudantes, 42 dos 120 que frequentavam o último semestre, responderam a um questionário com perguntas abertas, que segundo Gil (2008, p.121), tem “o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.”.

A opção por estudantes do último semestre se deu pelo fato de já terem passado por quase todo o processo de formação do administrador e conhecerem melhor os professores do curso. Na apresentação dos resultados do estudo, para salvaguardar o anonimato, tanto os professores, quanto os estudantes foram caracterizados por meio de números.

Após a coleta dos dados foram feitas as transcrições das entrevistas e organizados os dados do questionário em forma de quadros de análise, e após foi utilizado os princípios da análise de conteúdo, que de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p.205) “envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros”.

Antes da apresentação dos resultados da pesquisa é importante conhecer as bases teóricas do estudo, tanto no âmbito da Administração, com Maximiano (2006), Fayol (1990) e Sobral e Peci (2008), quanto da Sociologia, com Bourdieu (1984, 1990, 1996, 2002, 2005, 2007a, 2007b, 2007c) e Bourdieu e Passeron (1982).

3 Resultados e Discussão

3.1 Base teórica e conceitual do estudo

Cada área de formação tem seu objeto ou objetos de estudo que oferecem um “norte”, traçam caminhos para pesquisas aos que pretendem estudar com mais precisão determinados temas da área. E este “norte”, estes objetos de estudo e formação,

caracterizam um campo do saber, uma área de formação e o comportamento esperado de seus agentes.

Em um curso de graduação em Administração muitas são as teorias e os conceitos que devem ser apropriados pelos estudantes, futuros profissionais da área. E estes conteúdos/conceitos/teorias foram se modificando ao longo do processo dados os contextos históricos, sociais e econômicos de cada época.

De acordo com Maximiano (2006), a Teoria Geral da Administração - TGA começou a ser descrita por Taylor, Fayol, Weber e Shewhart, por volta de 1900, em que a Administração Científica fica mais evidente, e a ênfase era na eficiência dos processos produtivos. Depois a teoria voltou-se para o enfoque Comportamental, Humano, alicerçada nas pessoas e na condição humana. Foram criados conceitos voltados às relações humanas, administração participativa, dinâmica de grupo e, liderança. Após essa fase, novamente mudou-se o enfoque, e passou-se para a relação direta com a Qualidade, em que foi dada mais ênfase para a uniformidade, a conformidade e a adequação ao uso.

Ainda segundo Maximiano (2006), o enfoque no Processo Administrativo deu-se em seguida, através da ênfase no papel dos gerentes e no processo de administrar organizações. Posteriormente vieram as Teorias das Organizações, na qual a ênfase maior foi no atendimento da natureza das organizações, em que se discutia o tipo ideal de burocracia e modelos de organização. Depois disso, veio a teoria do Pensamento Sistêmico, com a ênfase voltada para a compreensão das totalidades e relações entre as partes, complementa Maximiano (2006).

Essas teorias, segundo o autor, foram acompanhadas ao longo do tempo por outros pensadores. Entre os anos de 1925-1950, Mayo, Bertalanffy, Deming e Sloan contribuíram com suas ideias e pensamentos. Já entre 1950-1975 tivemos Ohno, Toyoda, Ishikawa e Ansoff. Entre 1975-2000, os escritores Porter, Morgan, Hammer e Mintzberg deixaram suas contribuições para o aprimoramento do processo da administração nas organizações. Estes foram os pensadores que mais influenciaram no desenvolvimento das Teorias da Administração, segundo Maximiano (2006).

Alguns conceitos gerais sobre elementos que caracterizam o fazer de um administrador são necessários conhecer. Segundo Fayol (1990, p.26), para que a administração seja eficiente em uma organização, é necessário que o administrador exerça cinco funções: “prever, organizar, comandar, coordenar e controlar”.

Sobre o “prever”, Fayol (1990, p.65) diz que “é verdade que a previsão não é toda do Governo, é dele, pelo menos, uma parte essencial. Prever, aqui, significa ao mesmo tempo calcular o futuro e prepará-lo; é, desde logo, agir”.

A segunda função, “organizar” uma empresa, para Fayol (1990, p.77) “é dotá-la de tudo que é útil a seu funcionamento: matérias-primas, utensílios, capitais e pessoal”.

Para Fayol (1990, p.200), comandar “é um processo interpessoal e está relacionada com a administração das relações entre os membros organizacionais e a organização”. Acionar e dinamizar a empresa, fazer com que o plano já definido caminhe e aconteça, isto é tarefa da direção.

Segundo Fayol (1990), a coordenação é considerar, em uma operação qualquer (técnica, comercial, financeira ou outra), as obrigações e as consequências que essa operação acarreta para todas as funções da empresa. Ou seja, adaptar os meios ao fim, dar às coisas e aos atos as proporções convenientes.

Para Fayol (1990), a função controlar, tem por objetivo assinalar as faltas e os erros, a fim de que se possa repará-los e evitar sua repetição. Sendo assim, esta tarefa vem para assegurar que o processo organizacional planejado, organizado e direcionado pelos gestores do processo administrativo esteja funcionando de acordo para atingir os propósitos da organização.

O administrador deve ter, também, em seu rol de atividades, algumas habilidades. Maximiano (2006), com base em Robert L. Katz, aponta três tipos: habilidades técnicas que consistem na utilização de conhecimento especializado e precisão na execução das técnicas e procedimentos relativos ao trabalho; habilidades humanas que geram cooperação em meio à equipe que está sendo liderada, e; habilidades conceituais que consistem na capacidade de enxergar a empresa como um todo.

Quanto às competências do administrador, segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Administração, aprovadas pela Resolução CNE nº 4, de 13/07/05, devem atender a oito itens: reconhecer e definir problemas, equacionar soluções, pensar estrategicamente; desenvolver expressão e comunicação compatíveis com o exercício profissional; refletir e atuar criticamente sobre a esfera da produção; desenvolver raciocínio lógico, crítico e analítico para operar com valores e formulações matemáticas; ter iniciativa, criatividade, determinação, vontade política e administrativa; desenvolver a capacidade de transferir conhecimentos da vida e das experiências cotidianas para o ambiente de trabalho e do seu campo de atuação profissional; desenvolver capacidade para elaborar, implantar e consolidar projetos em organizações; desenvolver capacidade para realizar consultoria em gestão e administração.

Essas são algumas teorias, conceitos, conhecimentos e habilidades básicas que os futuros administradores devem ter, para que possam se incorporar na profissão.

A partir dessa base teórica específica se faz necessário dialogar com alguns conceitos de Bourdieu (1984, 1990, 1996) e Bourdieu e Passeron (1982), por se tratar do referencial teórico que norteou as análises e interpretações deste estudo.

Pierre Bourdieu, sociólogo francês, foi considerado um dos grandes pensadores e intelectuais da sociologia, com uma profícua contribuição para o campo da educação. Os conceitos

mais conhecidos e utilizados no mundo acadêmico, criados por Bourdieu (1984, 1990, 1996) e Bourdieu e Passeron (1982), são o de *habitus*, campo e capital cultural.

Bourdieu e Passeron (1982, p.175), elaboraram o conceito de *habitus* descrevendo que se trata de um:

Sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente ‘regulamentadas’ e ‘reguladas’ sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adequadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem produto da ação organizadora de um maestro.

O *habitus* está relacionado com regras não explícitas, com costumes, atitudes ou pensamentos que o sujeito constrói a respeito do mundo objetivo que orienta a sua atividade prática. Por essa razão, determinadas classes de profissionais possuem um modo específico de ser, uma maneira peculiar de se comportar diante das situações, um modo próprio de falar, de se vestir, que lhe dá um sentido de grupo, de classe, ou de campo profissional. No entanto, essa distinção pode não ficar demarcada em todos os indivíduos da mesma forma ou com a mesma intensidade.

O *habitus*, segundo Bourdieu (1984, p.125), é um “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem explícita ou implícita que funciona como um sistema de esquemas geradores e é gerador de estratégias” e estas podem estar objetivamente relacionadas com os interesses objetivos dos seus autores, mesmo se não tiverem sido expressamente concebidos para essa finalidade.

Pode-se dizer que *habitus* é algo que o sujeito vai incorporando e dando forma, a partir de suas crenças e valores, devido a sua história e condição social. Algo que se constrói ao longo da vida, no contato direto com os demais sujeitos pertencentes a um grupo social.

Bourdieu (1984, 1990, 1996) também desenvolveu o conceito de campo, que segundo Ortiz (1983, p.19), “se define como *locus* onde se trava uma luta concorrencial entre atores em torno de interesses específicos que caracterizam a área em questão”. Desta forma, o campo da ciência acontece pelo embate no entorno da autoridade científica. A estrutura do campo não é imutável, as posições que os indivíduos ocupam dentro desta estrutura social também podem ser redistribuídas, e as mesmas lutas que ocorrem em um grupo social em um país e outro podem acontecer em momentos diferentes.

Para Bourdieu (1996), este espaço social global é um campo de forças, cuja necessidade se impõe aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam com meios e fins diferenciados, conforme sua posição na estrutura de campo de forças. Desta forma, os agentes contribuem para a conservação ou mesmo a transformação da estrutura deste campo.

Um campo é também um espaço de conflitos e de concorrência

no qual os concorrentes lutam para estabelecer o monopólio sobre a espécie específica do capital pertinente ao campo; a autoridade cultural, no campo artístico; a científica, no campo científico etc. O que é valorizado num campo poderá ser depreciado em outro: os valores do campo dos negócios, por exemplo, onde predomina o capital econômico, são inversos àqueles do campo cultural, onde o que importa é a estima dos pares, o desinteresse aparente, a distância em relação aos valores mercantis (BOURDIEU, 2002, p.67-68)

Em se tratando de campo, Bourdieu (1990) descreveu que há, portanto, tantos campos quantas são as formas de interesse. Isto explica por que em certo grupo, há maior interesse nesta ou naquela situação, tornando-se um jogo em que são aplicados investimentos que tenham o mesmo interesse.

Para Bourdieu (2007c), os agentes e grupos de agentes são definidos pelas suas posições relativas no espaço social. Cada um deles está situado em uma posição, ou seja, numa região determinada do espaço.

Os princípios de construção deste espaço social são as diferentes espécies de poder ou capital que ocorrem independente do campo.

Neste sentido, para o autor o capital:

Pode existir no estado objetivado, em forma de propriedades materiais, ou, no caso do capital cultural, no estado incorporado, e que pode ser juridicamente garantido – representa um poder sobre um campo (num dado momento) e, mais precisamente, sobre o produto acumulado do trabalho passado (em particular sobre o conjunto dos instrumentos de produção), logo sobre os mecanismos que contribuem para assegurar a produção de uma categoria de bens e, deste modo, sobre um conjunto de rendimentos e de ganhos (BOURDIEU, 2007c, p.134)

Para Bourdieu (2007c), a posição de um agente em qualquer espaço social, pode ser definida conforme o campo social em que ele transita. Normalmente está relacionada aos poderes que ele adquiriu nestes campos, seja capital econômico, capital cultural, capital social ou capital simbólico.

Para Nogueira e Nogueira (2009), as famílias para as quais a principal riqueza está na parte econômica têm uma tendência em adotarem estratégias voltadas para a sua manutenção no campo onde o capital econômico tem maior poder. Sendo assim, transmitem aos seus descendentes a percepção de que esta é a maneira pela qual eles podem manter ou mesmo elevar sua posição social.

O capital simbólico, para Bourdieu (1996), é uma propriedade qualquer, percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las, percebê-las e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor.

Nesse sentido, o valor atribuído a certas características, posições ou bens, cujo reconhecimento social confere ao seu portador prestígio, honrarias e vantagens sociais, está relacionado ao capital simbólico.

O capital social, segundo Bourdieu (2007b) é um conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento ou, em outros

termos à vinculação de um grupo. Sendo assim, este grupo ou conjunto de agentes tem em si propriedades em comum e são unidos por um elo permanente e que normalmente lhes são úteis, ao que chamamos de rede de relações construídas e/ou herdadas através de práticas de sociabilidade.

Para Bourdieu (2007a, p.324), “as frações mais ricas em capital cultural são propensas a investir mais na educação de seus filhos e, ao mesmo tempo, em práticas culturais propícias a manter e aumentar sua raridade específica”. As outras frações da sociedade, principalmente as mais pobres, provavelmente terão outros anseios que são prioritários para sobrevivência como, por exemplo, alimentar-se, vestir-se, ter um abrigo, e após essas conquistas é que esses agentes irão poder pensar em outras possibilidades.

A distância entre um agente que nasce no seio de uma família que tem toda a estrutura para se desenvolver e outro agente que nasce em uma situação de extrema pobreza, subnutrição, é muito grande. Embora no campo do direito, todos são iguais perante a lei, o caminho a ser percorrido e as condições de chegada são muito diferentes, dadas as condições objetivas, sejam econômicas, culturais, sociais, simbólicas.

É a partir deste entendimento teórico/conceitual que se apresentam os resultados da pesquisa.

3.2 Caracterizando o perfil do administrador

Bourdieu (2007c) alerta que devemos lembrar que o campo funciona como um sinal, que a todo instante está nos remetendo, lembrando o que temos de fazer, o que temos de saber, pois o objeto de pesquisa não está isolado de um conjunto de relações que acontecem, e é de onde iremos retirar o essencial das suas propriedades.

O mercado de trabalho do administrador está muito relacionado com o campo econômico e do poder. Para Bourdieu (2005, p.22), “o campo econômico se distingue dos outros campos pelo fato de que as sanções são especialmente brutais e que as condutas podem se atribuir publicamente como fim a busca aberta da maximização do lucro material individual”.

Para buscar o perfil do administrador os professores e estudantes foram questionados sobre o que o mercado de trabalho espera do administrador. Um dos professores (3) respondeu que o mercado espera “pessoas que lidem com processos, que desenvolvam um bom raciocínio lógico, que enfrentem as dificuldades do dia a dia. Que tenham um bom perfil e sejam criativas na resolução de problemas”.

Outro professor (6) comentou que “o mercado busca pessoas que consigam administrar conflitos, que consigam ser práticos e objetivos na resolução dos problemas e realmente resolvam os problemas”. Os estudantes ratificam esta compreensão quando assim se manifestam: “O mercado espera um administrador apto para resolver problemas da empresa, ou mesmo para geri-la” (Estudante 15). “O mercado espera um profissional capacitado para conduzir ou indicar o

caminho às empresas, alguém que realmente consiga resolver os problemas das organizações” (Estudante 21).

Sobre os conteúdos que devem ser apreendidos na formação do administrador, um estudante (29) relata que devem estar relacionados com “planejar, organizar, controlar e dirigir”. Ao assim se expressar, está se referindo às teorias da administração e organização, planejamento, parte financeira, sistemas de informações. Outro estudante (26) complementa afirmando que “o que deve ser ensinado é a capacidade de análise dos resultados, planejamento e controle”.

Outro estudante (2) menciona que os conteúdos “devem estar voltados para a gestão e a tomada de decisões”. São expressões que remetem ao conhecimento sobre marketing, mercado, serviços e demais áreas de atuação do administrador.

Conforme Maximiano (2007, p.15), “nas organizações, os administradores ou gerentes, são pessoas responsáveis pelo desempenho de outras pessoas, que formam sua equipe, e sobre essa equipe tem autoridade”. Maximiano continua comentando que, “a autoridade é um tipo especial de recurso que dá aos gerentes a capacidade ou poder de tomar decisões e acionar o trabalho de seus funcionários e outros recursos”.

Um professor (2) afirmou que é também compromisso na formação em administração desenvolver a

[...] habilidade de relacionamento, saber lidar com pessoas, saber resolver problemas. Tomar decisões hoje é muito complexo, justamente porque você não considera somente as variáveis internas no ambiente organizacional e sim variáveis externas do mercado que influenciam no desempenho da empresa.

Sobre o perfil do administrador, os professores se posicionaram de várias formas, porém quanto ao conteúdo muito se assemelha. O conteúdo da fala de um professor expressa a ideia da maioria:

Ele tem de ser uma pessoa organizada, que gosta de desafios, deve estar preparado para desafios. Eu vejo esse perfil do administrador: uma pessoa que gosta de planejar, porque se ele planeja ele tem alternativas para enfrentar esses desafios. Eu acredito que essas são as próprias funções, alguém que controla, planeja, executa, enfim, que dirige, esse é o administrador (Professor 4).

Várias expressões utilizadas pelos estudantes estão em sintonia com esse entendimento do professor sobre o perfil do administrador, das quais se destaca: “É uma pessoa que costuma planejar os passos, pensar bem antes de tomar decisões e, de certa forma, controlar as possíveis surpresas” (Estudante 1). “Gostar de gerenciar e organizar situações” (Estudante 16). “Percebo na questão de organização, controle, gerenciamento e tomada de decisão” (Estudante 21).

Percebe-se o entendimento mais geral de que o administrador é o profissional que sabe planejar, administrar conflitos e resolver problemas.

Além de corresponder a estas questões técnicas, operacionais alguns tipos de comportamentos e características do administrador são esperados pelos alunos e professores

administradores. Um professor (2) confirma o pensamento da necessidade de um tipo de comportamento e de um certo estilo do administrador, que pode ser interpretado como um *habitus*, que deve ser incorporado já na formação, quando disse: “O aluno de administração sabe que deve evitar uso de tênis, de cabelo comprido. Meninos barbas feitas, cabelo cortado; meninas com roupas adequadas, formais do ambiente, saber se posicionar em uma reunião.”

Um dos estudantes (5) destaca que percebe um certo perfil/*habitus* nos estudantes de administração, mas não é tão claro como em outros cursos: “percebo, mas não é notável que é estudante de administração, pois não se veste tão diferente, como estudantes de educação física que têm seus uniformes, calças para praticar os esportes, como medicina que tem as roupas brancas”.

Desta forma acredita-se que o perfil do administrador desejado/esperado passa a ser o sistema de referência para analisarem e cobrarem coerência tanto em relação aos conhecimentos, quanto aos modos de ser e vestir-se.

O que diferencia os administradores de outras áreas ou profissões, nem sempre fica tão evidente, no entanto podemos destacar algumas características ou perfil que podem suscitar, ao longo do processo de formação e de exercício da profissão, a corporificação de certos *habitus*.

Em síntese, foi possível perceber certas características ou perfil que se espera de um profissional da área de administração. É um profissional que: sabe administrar conflitos; é organizado; gosta de planejar; possui foco nos resultados; tem visão estratégica; toma decisões; está preparado para enfrentar desafios e resolver problemas; gerencia e controla; entende de marketing e logística; usa traje adequado e tem postura de executivo.

Da mesma forma que se buscou identificar algumas características do profissional da administração, também se buscou encontrar algo no perfil desse profissional que tende a acompanhá-lo na sala de aula e possa ser caracterizado como algo singular, próprio do professor administrador.

3.3 Identificando o perfil do professor administrador

O administrador tem suas próprias características como profissional de um campo de atuação. No entanto, ao assumir uma nova função, procura adequar sua especificidade de formação inicial às exigências desta nova atuação profissional, neste caso, a de professor universitário. Da mesma forma, um professor universitário realiza suas ações, tem suas especificidades, que podem ou não ser idênticas, dependendo de sua formação inicial e do contexto onde estão inseridos.

Em face do questionamento aos professores administradores e estudantes do curso de administração, sobre as características e o perfil do professor administrador, foram emitidas diversas opiniões.

No início da carreira de professor, estes estão em fase de construção, de seus saberes e dos *habitus* docentes. Um dos

docentes administradores fala da importância da experiência profissional para a docência “[...] o professor de administração tem de ser um professor além da experiência acadêmica, pois deveria ter também a experiência profissional, até para ter a experiência de laboratório” (Professor 3).

Importante apresentar a fala de um professor que destaca a necessidade de aperfeiçoamento na questão acadêmica, na pesquisa ou em sala de aula, nas questões pedagógicas:

Querendo ou não são professores que além de atuar na universidade, eles têm uma carreira fora da universidade que também é pesada, que às vezes inibe essa ascensão na pesquisa, na disponibilidade de fazer um trabalho diferenciado por uma questão de dupla carreira, mas é um professor que em termos pedagógicos precisa ser moldado e lapidado. Um professor, por exemplo, da pedagogia, da educação, já vem com esse preparo (Professor 2).

Essa deficiência em relação a questões pedagógicas é, também, percebida pelos estudantes quando dizem: “Todos com grande conhecimento, porém alguns com uma certa deficiência na didática” (Estudante 11). Outro estudante (25) relata que “os professores possuem muito conhecimento, mas nem todos sabem passar a informação de maneira tranquila para nós acadêmicos. Eles sabem para si”.

Estes depoimentos retratam a fragilidade pedagógica de certos professores administradores.

No entanto, o fato de o professor administrador ter dupla jornada de trabalho, como é o caso desta pesquisa, pois sete dos entrevistados possuem dupla jornada, traz alguns ganhos no entendimento deles, conforme fala o Professor 04: “a tendência do professor administrador é conseguir trazer mais a realidade e tornar mais atrativa a aula para o estudante. Vejo que quando você traz um exemplo o estudante consegue compreender muito melhor do que quando você apresenta apenas a teoria”.

Para Volpato (2010, p.133), “a relação teoria e prática é a unidade indivisível que reúne as condições de os estudantes compreenderem com maior profundidade o objeto de conhecimento”.

Assim também um estudante (42) se manifestou: “Os professores são dinâmicos, explicam bem o conteúdo e trazem fatos/histórias do cotidiano para que os estudantes assimilem melhor o conteúdo”. Trazer fatos do cotidiano do profissional para a sala de aula não é uma característica unicamente do professor administrador, bem como os estudantes de outras áreas também reivindicam a relação teoria e prática, como demonstrou a pesquisa realizada por Volpato (2010), com profissionais liberais professores.

Da mesma forma esse profissional por ter uma visão das áreas de atuação do administrador, acaba contribuindo para que o estudante tenha uma visão macro (ampla) do mundo do trabalho. Um estudante (7) ratifica esse entendimento da amplitude de atuação do administrador quando afirma que “o professor administrador se diferencia pelo fato de formar profissionais que irão atuar em várias áreas”. Essa abrangência

de áreas de atuação, pelo conhecimento do mercado e da teoria, permite que “um professor administrador consegue discutir com o estudante de uma forma mais flexível e mais ampla” (Professor 7).

A organização e o planejamento também foram apontados como características do professor administrador por estudantes que conseguem visualizar essa característica dentro da sala de aula e pelos próprios professores. Um dos estudantes (19) relata que o professor administrador é “organizado, objetivo, preocupado com o andamento do curso e desenvolvimento das atividades”. Um professor (8) assim se refere, “eu posso levar para sala de aula as funções da administração, o planejar, organizar, aquilo que compete, por exemplo, o planejamento de uma aula, ou de um semestre, uma disciplina nesse sentido, planejamento”.

Em síntese, o professor administrador que atua nas instituições de ensino superior na região carbonífera, sul de Santa Catarina, conforme este estudo: é um profissional que atua em várias áreas; é organizado e flexível na sala de aula; tem foco nos objetivos; preocupa-se com o planejamento; possui pouco conhecimento pedagógico; tem muito conhecimento do dia a dia da profissão; tem visão ampla do mercado e procura trazer para a sala de aula sua experiência; possui dupla jornada de trabalho.

Essas são algumas características referentes ao perfil do professor administrador, relatadas por eles mesmos, e que podem estar relacionadas com os *habitus* desse profissional.

3.4 Identificando *habitus* do administrador em sala de aula

Como o sujeito desenvolve certos *habitus* a partir do ambiente e das relações que se estabelecem em torno dele, entende-se que certas posturas são esperadas dos agentes para que possa entrar no jogo e ser aceito no grupo social. O fato de ser administrador já pressupõe certos pensamentos e comportamentos que lhes são próprios. E o professor administrador, o que se espera dele quando entra em uma sala de aula? Que pensamentos e comportamentos são identificados com características próprias de um professor administrador?

Mesmo na condição de professor algumas características do administrador podem ser percebidas pelos alunos e professores, como se evidencia neste depoimento:

Dentro de uma sala de aula eu não consigo ser 100% administrador, até porque vão surgir momentos em que você terá de se impor, então eu exerço o professor. Exerço a minha função de administrador na maneira de lidar com os alunos, na maneira de me portar a sala de aula, busco sempre uma democracia durante toda a minha disciplina (Professor 5)

Alguns depoimentos seguiram no sentido de separar o administrador do professor, uma divisão difícil de se sustentar, pois trata-se da mesma pessoa no exercício das duas atividades profissionais: “Percebo ambos, tanto professor como administrador; professor quando passa mais a parte teórica e o administrador quando passa a prática”. Outro estudante (42) ratifica dizendo “professor, pois ele nos

transmite o conhecimento e administrador, porque transmite a experiência”.

Tanto os professores como os estudantes destacam certa habilidade dos professores de administração na resolução de conflitos em sala de aula. O professor (1) relata que “quando acontece algum conflito eu sempre tento puxar para um contexto empresarial, tento resolver com o estudante como se fosse um administrador mesmo, dessa forma ele também já vai aprendendo a resolver conflito nas empresas”. Um estudante (28) ratifica essa percepção quando diz que o professor resolve os conflitos em sala “tomando uma decisão imediata com o estudante, explicando como ele deve se portar”.

Uma das características do administrador, a de resolução de conflitos, parece estar presente nas representações tanto dos professores administradores quanto dos estudantes em sala de aula.

Um professor inclui a questão da divisão de papéis sociais, de níveis de hierarquia a que devemos nos submeter, bem como a importância de se buscar um consenso, como pode ser percebido na fala: “Eu busco sempre ter uma relação de hierarquia, e eles têm que entender isso. Busco que eles sejam meus amigos sem me colocar no pedestal. A diferença entre o professor e aluno é que o professor aprendeu antes” (Professor 6).

A sala de aula é um lugar de conflitos e consensos, pois é um espaço social no qual os agentes procuram se legitimar em um grupo onde todos buscam a mesma formação. O *habitus* classifica os agentes em um grupo, mas esses comportam certas diferenças pessoais. “De fato, a ideia central é que existir em um espaço, ser um ponto, um indivíduo em um espaço, é diferir, ser diferente; ou, [...] ser distintivo, ser significativo, é a mesma coisa. Significativo opondo-se a insignificante, nos vários sentidos” (BOURDIEU, 1996, p.23).

Conforme um dos estudantes (19) “depende de cada professor; alguns chamam atenção na hora que acontece algum conflito, outros se utilizam da hora da avaliação fazendo uma prova mais trabalhosa, com mais questões”.

Essa postura, também é relatada por um professor administrador, conforme segue:

Pela minha formação e área de atuação sou muito cobrado pelos resultados em termos de trabalho nas empresas. Então, procuro levar isso para dentro da sala de aula, inclusive deixar bem claro que o futuro administrador que está dentro da sala de aula, será o responsável pelo futuro da empresa (Professor 3)

Essa hierarquia institucionalizada tem diferentes formas de ser tratada pelos docentes em relação aos estudantes e, também, entre eles próprios, pois ocupam posições diferentes no espaço institucional, dependendo da formação, ou titulação que possuem.

O sistema das relações de um sistema de ensino, entre os professores e seus “pupilos”, é orientado para uma estratégia onde o professor pode ter escolhas dentro de suas práticas pedagógicas. “De fato, como toda percepção social, os juízos

que os professores fazem a respeito dos estudantes, mormente em situação de exame, levam em conta não apenas o saber e o saber-fazer, mas também as nuances imponderáveis das maneiras e estilo” (BOURDIEU, 2007a, p.231).

Os professores, segundo Bourdieu (1990), por seu papel na sociedade, podem, por vontade própria ou por vontade dos agentes a quem prestam sua força de trabalho, orientar ou mesmo coagir suas práticas e representações frente aos estudantes em uma sala de aula, por meio de seu poder de exposição sobre uma determinada situação, seja ela de conteúdo da disciplina, ou de sua ideologia.

Outra questão que se manifesta em sala de aula, e que pode caracterizar um comportamento alinhando a formação e a prática do professor administrador é a busca de certo controle no ensino. Um dos professores (1) comenta:

Uso algumas ferramentas para quantificar o ensino em sala de aula. Uma das formas é a curva ABC que me permite classificar como os alunos estão aprendendo, de que forma está sendo a evolução em sala de aula do conteúdo e do aprendizado. Quantificar as questões de prova, qual o percentual de acerto, o percentual de erro, para que tenhamos também uma forma de trabalhar da mesma forma que aprendemos administração, principalmente na parte da qualidade.

Esse entendimento ou comportamento possui relação direta com o conteúdo das disciplinas de administração da produção, materiais e logística.

Aponta Ortiz (1983) que a escola é uma das instituições que constituem o ser social dos indivíduos e diante dessa função ela possibilita a manutenção e a reprodução da ordem social desses próprios indivíduos.

Percebe-se, a partir do referencial teórico e análise dos depoimentos dos professores e das respostas dos estudantes ao questionário, certos comportamentos e pensamentos que se transformam em *habitus* do administrador, e esses se manifestam nos cursos de formação universitária. Tudo indica que o que o administrador vivencia no mercado de trabalho, de alguma forma é trazido para a sala de aula pelo professor administrador e é percebido e incorporado pelos estudantes enquanto estão em processo de formação profissional.

Alguns comportamentos caracterizam o professor administrador, dentre os quais se destaca: habilidade na resolução dos conflitos em sala de aula; estabelecimento da hierarquia e avaliações mais complexas como forma de preparar os futuros administradores para assumirem determinados papéis em uma organização; trazer a experiência da administração em empresas para a sala de aula; uso de ferramentas administrativas para quantificar e acompanhar a evolução do processo ensino/aprendizagem.

Essas características e certos comportamentos manifestados em sala de aula pelos professores administradores podem estar relacionados, ainda, com as teorias de administração vivenciadas e adotadas em sua vida profissional.

3.5 Relacionando teorias e conteúdos da Administração com *habitus* do professor

Foi importante verificar os conhecimentos teóricos dos professores administradores, pois eles fundamentam suas práticas em sala de aula e, de certa forma, determinam o pensamento dos futuros profissionais da administração.

A maioria dos entrevistados disse que não adota uma única teoria, pois dependendo da situação ele opta pela mais conveniente.

Não tenho, porque tem momentos que a gente está em uma e em outro está em outra. Então, depende muito da situação. Tem horas que você tem que ser mais burocrático, centralizador e outras horas você faz uma gestão mais participativa que eu sempre acreditei. Mas na hora que eu entrei no ambiente de empresa eu vi que isso não funciona tão bem como funciona na teoria. Então não tenho (Professor 7).

Embora dois professores administradores não tenham assumido uma teoria específica, os outros seis entrevistados apontaram aquela, ou aquelas que mais se identificam.

Três professores administradores se identificaram com a teoria científica, que tem ênfase nas tarefas, conforme Barretto e Pongeluppe (2006, p.11) “se deve ao esforço de se aplicarem métodos científicos aos problemas da Administração” aplicados por Taylor, quando começou a observar a forma que os operários trabalhavam e queria a todo custo eliminar desperdícios, fazendo com que tivessem um aumento na produção. Este é o motivo da escolha de um professor, pois relata:

Sou muito pragmático, eu me identifico muito com as teorias de Taylor, Fayol, lá no início do século passado, que é a tal da administração científica, onde tem alguns embasamentos científicos para poder definir situações e tomar a decisão, e com o passar do tempo, muito disso acabou meio que se perdendo (Professor 3).

A maioria dos professores, ou seja, seis se identificam com teorias que têm ênfase na estrutura, presente nas Teorias Clássica, Neoclássica, Burocracia e Estruturalista, provavelmente pelo fato de terem tido maior contato durante o período em que fizeram seus cursos de graduação em Administração.

Um professor (6) destaca sua preferência pela teoria clássica da seguinte forma:

O que faz sentido para mim profissionalmente realmente ainda é o clássico, é o desenvolvimento de Taylor e Fayol. Consigo trabalhar com aquilo que Taylor desenvolveu na produção, organizo uma empresa com base naquelas teorias de Fayol, então ainda acho que é muito aplicável.

Já outro professor (1) diz que se identifica mais com a teoria neoclássica, pois relata que “a teoria que mais me identifico hoje, é a teoria da manufatura enxuta. A teoria da Administração na verdade, é sempre sobreposta por outra que venha melhorar”. Nesta teoria o pensamento predominante é trabalhar com o máximo que se pode produzir da eficiência, aliado a baixos custos de estocagem dos materiais, seja antes ou depois da produção.

Um dos professores (8) disse: “gosto muito da teoria da administração por objetivo, trabalho isso com eles, você tem uma atividade, passo a forma de avaliação, a metodologia e eles, então, têm que desenvolver as atividades de acordo com as metas estabelecidas. Hoje em dia trabalha-se com metas e com objetivos”.

Esse parece ser um comportamento, um *modus operandi* próprio de um professor administrador, pois provavelmente um professor de outra área não utiliza os mesmos termos e não faria a mesma relação. Para Ortiz (1983), cada agente, sabendo ou não e querendo ou não, é produtor e reproduzidor de sentido objetivo porque suas ações e suas obras são produto de um *modus operandi* do qual ele não é o produtor e do qual ele não possui o domínio consciente; as ações encerram, pois, uma ‘intenção objetiva’, como diria a escolástica, que ultrapassa sempre as intenções conscientes.

Um professor (2) fala que se utiliza da teoria da burocracia, em algumas situações. Diz ele: “tento driblar entre as teorias mecanicistas, pois elas são necessárias para você definir métodos de trabalho. A burocracia em si, por mais que seja vista de forma pejorativa, ela é importante e necessária”.

Para Lacombe e Heilborn (2003, p.473), a burocracia “implica disciplina. Como ela corresponde a uma adequação das ações do indivíduo a um complicado padrão, de maneira que o caráter de cada uma de suas relações com o resto pode ser rigorosamente controlado, a burocracia requer ênfase na obediência”.

Já para o professor (8), é o estruturalismo que o ajuda na dinâmica em sala de aula, como podemos perceber:

Sempre tento privilegiar e fazer com que os alunos compreendam os fatos, as informações. Os conteúdos não são dados isolados, mas eles têm uma relação direta com o todo, ou seja, com a dinâmica do mercado e da economia mundial. Tento o tempo todo contextualizar, pois as partes não estão isoladas, elas estão relacionadas.

Para Andrade e Amboni (2007, p.140), “o estruturalismo é um método analítico e comparativo que estuda os elementos ou fenômenos em sua totalidade, salientando seu valor de posição”.

Com relação à teoria das relações humanas que também foi mencionada como referência de identificação e de atuação dos professores administradores, destaca Certo (2003, p.31) que “a abordagem comportamental da administração se preocupa com o aumento da produção por meio de uma maior compreensão de como são as pessoas”.

As empresas são feitas de pessoas e cada vez mais vai ser assim, uma vez que a gente vê que na maioria das empresas a tendência é oferecer serviços. Vejo muito essa ideia de trabalhar com pessoas, quando a gente fala em Elton Mayo, fala como as pessoas viam a empresa, como se comportavam na empresa, a importância das empresas valorizarem esse colaborador dentro da empresa (Professor 4).

A teoria da contingência foi apontada por um professor. Essa defende a ideia de que não existe um método que seja ideal para resolver um problema em todas as empresas, mas

possivelmente existe um método que seja ideal para resolver qualquer problema de ordem administrativa em qualquer empresa (CERTO, 2003).

O professor (2) relata que:

Identifico-me muito com a Teoria da Contingência, por ser uma teoria contemporânea que já em 1920 tinha sido discutido por uma teórica chamada Mary Parker Follett. Ela tinha previsto a lei da situação, como uma lei que as pessoas tinham que decidir de acordo com a situação, e a teoria da contingência vem pra dizer o seguinte: Administrador tu tens que avaliar o contexto, tu tens que ver qual seria a melhor solução, faz um diagnóstico e aí propõe um antidoto para doença, ou seja, proponha a solução mais adequada.

Assim como os professores, os estudantes também foram provocados a falarem sobre a teoria com que mais se identificam e por quê.

Os estudantes responderam sobre a área com que mais se identificam, mas não conseguiram se posicionar sobre as teorias. Aqui cabe um questionamento: não responderam por desconhecer quais são? Será que não conseguem identificar pelo fato de não estarem atuando como administradores? Será que esse conteúdo está sendo ministrado com qualidade?

Procurou-se saber também o motivo da escolha do curso de Administração, para nossos interlocutores. Para alguns estudantes e também professores a possibilidade de seguir o negócio da família foi um ponto importante na decisão da escolha pela profissão.

Segundo o relato de um professor (8), o fato de o pai ter uma empresa, e desejar que o filho desse continuidade foi relevante, como podemos perceber:

Na época meu pai era dono de uma empresa, tinha essa possibilidade de continuar o negócio da família etc. Mas, antes de cursar Administração, já tinha tentado outros cursos, tinha começado outros dois cursos de graduação, porém não terminei, só terminei de fato Administração, mais foi exatamente isso, foi a perspectiva de seguir um negócio da família.

Nogueira e Nogueira (2009, p.45) ajudam a entender as razões de interesse, quando afirmam que:

[...]As famílias cuja principal riqueza é econômica tenderiam a adotar prioritariamente estratégias voltadas para a reprodução do capital econômico. Dessa maneira, transmitiriam aos seus filhos, involuntariamente, a percepção de que é basicamente por meio desse recurso que eles podem manter ou elevar sua posição social.

Para Bourdieu, (2007b) o capital cultural que a família detém é transmitido para os sucessores e tende a se tornar um capital cultural objetivado, uma vez que o capital econômico faz parte dessa trajetória, pois é através dele que se conquistam os bens materiais.

Alguns estudantes também escolheram o curso devido a interesses de negócios familiares. Isso é identificado na resposta do estudante (3) “dar continuidade ao negócio de meus pais”. Outro estudante corrobora ao afirmar que “o fato de ter uma empresa familiar e querer continuar no negócio da família influenciou na escolha” (Estudante 8).

Os estudantes apresentaram vários motivos na tentativa de justificar as razões da escolha do curso de Administração. Alguns apresentam os seguintes motivos: interesse em manter ou expandir os negócios da família, interesse em abrir seu próprio negócio.

A vontade de querer abrir um negócio próprio, porém ao entrar no curso, verifiquei e me apaixonei por algumas áreas da administração, me incentivando a continuar com os estudos depois de me formar, procurando assim uma área específica para atuar (Estudante 2).

Para Bourdieu (1996, p.132-133), esta união não é

[...] apenas pela afinidade dos *habitus*, mas também pela solidariedade dos interesses, isto é, tanto pelo capital quanto para o capital, o capital econômico, evidentemente, mas também o capital simbólico e, sobretudo, talvez, o capital social.

Muitas vezes a escolha da profissão desses estudantes é feita bem antes da idade adulta, e as condições “objetivas que definem as atitudes dos pais e dominam as escolhas importantes da carreira escolar regem também a atitude das crianças diante das mesmas escolhas e, conseqüentemente, toda sua atitude com relação à escola” (BOURDIEU, 2007b, p.47-48).

Outros motivos os levaram a cursar Administração, os quais se destacam: curso mais completo com vasto campo de atuação; paixão pela área de administração; facilidade em liderar e; afinidade com números.

O fato de o curso oferecer uma vasta oportunidade de atuação, pelas várias áreas existentes, acaba por se tornar um atrativo aos estudantes.

Para quatro professores administradores, o fato de terem escolhido o curso de Administração foi definido pelos próprios caminhos da vida, da carreira profissional, onde tiveram oportunidade de trabalhar em áreas da administração e se identificarem. A partir daí tiveram a percepção da importância da formação e do diploma de administrador.

Para Bourdieu (2007b, p.79) esse é um tipo de capital cultural institucionalizado, pois enquanto:

Produto da conversão de capital econômico em capital cultural, ele estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho – o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido.

Esse tipo de capital pode ter maior ou menor valor, dependendo da raridade do diploma conquistado, o benefício tanto material como simbólico que é proporcionado ao detentor deste capital cultural institucionalizado. Bourdieu (2007b) ainda comenta que o investimento nesse tipo de capital quando é raro, poderá ser bem elevado, uma vez que depois da conquista as oportunidades de lucro estão asseguradas a esses indivíduos que tenham esse capital.

4 Conclusão

O campo da administração é um espaço social único, próprio, no qual seus agentes procuram se identificar e ser identificados pelos pares. Para poder pertencer a um campo, seus agentes precisam seguir determinados *habitus*, e para tal devem incorporar certos comportamentos e atitudes que deem sentido as suas ações e modos de interpretar a realidade.

Dessa forma, mesmo o estudo tendo sido limitado à região do extremo sul catarinense, os comportamentos e *habitus* tendem a extrapolar o contexto local e regional. Embora a intenção não tenha sido buscar generalização, tem-se o entendimento de que pode refletir outras realidades mais globais.

Embora não esgotado o assunto, pelas limitações de tempo, de instituições e sujeitos pesquisados, num esforço de síntese, a partir dos depoimentos dos professores administradores e estudantes, foi possível perceber que se espera de um profissional da área de administração que ele:

- Resolva os conflitos;
- Seja organizado em suas tarefas diárias;
- Goste de planejar;
- Tenha foco nos resultados;
- Tenha visão estratégica;
- Tome decisões;
- Esteja preparado para enfrentar desafios e resolver problemas;
- Gerencie e controle;
- Entenda de marketing e de venda;
- Use traje adequado; e
- Tenha postura de executivo.

O administrador, ao entrar em uma instituição de ensino superior, neste caso, em um curso de Administração, traz uma série de comportamentos, atitudes e modos de pensar para o espaço da instituição.

Algumas características parecem demarcar um perfil do professor administrador que atua nas instituições de ensino superior na região carbonífera, sul de Santa Catarina. Por meio das análises foi identificado que o professor administrador é um profissional que:

- Atua em várias áreas;
- É organizado e flexível na sala de aula;
- Tem foco nos objetivos;
- Preocupa-se com o planejamento;
- Possui pouco conhecimento pedagógico;
- Tem muito conhecimento do dia a dia da profissão e visão ampla do mercado e procura trazer para a sala de aula; e
- Possui dupla jornada de trabalho.

Quando o professor tem clareza do perfil do administrador que deve formar, aliado ao que o mercado espera desse profissional, sua responsabilidade no processo educativo aumenta, e como consequência, sua prática pedagógica tende a estar voltada para desenvolver as características que são atribuídas a esse profissional. Nesse sentido, sendo a sala de aula o lugar onde esse modo de ser deve ser desenvolvido, cabe ao professor exercer um papel de formador desse perfil.

O professor administrador tende a trazer o que vivencia no mercado de trabalho para a sala de aula e este comportamento e modos de ser e pensar são percebidos e incorporados

pelos estudantes enquanto estão em processo de formação profissional. Foi possível interpretar que, de fato, alguns comportamentos, atitudes e modos de pensar de administrador coabitam a sala de aula e se manifestam em ações pedagógicas, dentre as quais se destacam:

- Ter habilidade na resolução dos conflitos;
- Estabelecer hierarquia;
- Realizar avaliações mais complexas como forma de preparar os futuros administradores para assumirem determinados papéis em uma organização;
- Trazer a experiência da administração em empresas para a sala de aula; e
- Fazer uso de ferramentas administrativas para quantificar e acompanhar a evolução do processo ensino-aprendizagem.

Foi possível identificar algumas teorias que fundamentam as práticas dos profissionais da administração, inclusive na sala de aula. O fato da formação dos professores administradores ter acontecido em épocas em que a teoria da administração científica e da ênfase estruturalista era dominante, pode interferir na prática pedagógica e nas atitudes deles em sala de aula na formação de novos administradores.

Mesmo que tenham dificuldades de apontar as teorias que mais se identificam, eles descrevem claramente por onde querem caminhar para que tenham êxito no campo de atuação, melhorando seu capital cultural e econômico. Os estudantes foram claros ao definirem as áreas que mais lhes atraem: recursos humanos, finanças, marketing e vendas

Quanto à escolha pelo curso de Administração são vários os motivos. O interesse familiar foi um dos motivos para os quais convergem professores e estudantes, o que demonstra que o capital cultural em termos de necessidade de formação em nível superior foi determinante, como também a preocupação em manter ou ampliar por meio dessa formação o capital econômico.

Razões como a abrangência do campo de atuação da administração bem como a paixão por algumas destas áreas também foram abordados como motivos de escolha.

Ao longo deste trabalho foi possível perceber certos comportamentos, práticas, representações e modos de pensar e ser que são próprios dos profissionais da administração, ou pelo menos são mais evidentes. Essas práticas e representações são reconhecidas e evidenciadas no campo da administração, em que administradores e professores administradores estão inseridos. É aí que devem ser buscados seus sentidos e significados.

Embora se saiba que nem tudo é tão específico assim, tão exclusivo em matéria de comportamento, atitude e pensamento, ficaram evidenciadas algumas tendências, algumas forças que levam ao *habitus*, o *habitus* do professor administrador.

Ao longo do processo da pesquisa foi possível identificar que há poucos estudos sobre o *habitus* do administrador. Não foi possível encontrar outros estudos que tratam especificamente desse assunto nos espaços virtuais disponíveis e confiáveis. Talvez este seja o ponto de partida para novas pesquisas, que

poderão contribuir com a formação desse profissional.

A conclusão de uma pesquisa é sempre provisória, pois apresenta limites e possibilidades. Sabe-se que ficou uma semente lançada, talvez uma provocação, pois para que se produzam mais fundamentos que possam definir o *habitus* do administrador são importantes novos estudos nesta área.

Referências

- ANDRADE, R.O.B.; AMBONI, N. *Teoria geral da administração: das origens às perspectivas contemporâneas*. São Paulo: M. Books do Brasil, 2007.
- ANDRÉ, M.E.D.A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BARRETTO, M.I.F.; PONGELUPPE, P.C. *Teoria geral da administração*. Brasília: UnB, 2006.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S.K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto, 1994.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 1984.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BOURDIEU, P. *Pierre Bourdieu: entrevistado por Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- BOURDIEU, P. O campo econômico. *Política e sociedade. Rev. Soc. Pol.*, v.4, n.6, p.15-57, 2005.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007a.
- BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2007b.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007c.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, C.A. *A reprodução: elementos para uma teoria da sociedade*. Rio de Janeiro: Alves, 1982.
- CERTO, S.C. *Administração moderna*. São Paulo: Prentice Hall, 2003.
- FAYOL, H. *Administração industrial e geral: previsão, organização, comando, coordenação, controle*. São Paulo: Atlas, 1990.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 2008.
- HAIR JR., J.F. *et al. Fundamentos de métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- LACOMBE, F.J.M.; HEILBORN, G.L.J. *Administração: princípios e tendências*. São Paulo: Saraiva, 2003.
- MAXIMIANO, A.C.A. *Teoria geral da administração: da revolução urbana à revolução digital*. São Paulo: Atlas, 2006.
- MAXIMIANO, A.C.A. *Introdução à administração*. São Paulo: Atlas, 2007.
- NOGUEIRA, M.A.; NOGUEIRA, C.M.M. *Bourdieu & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- ORTIZ, R. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.
- SOBRAL, F.; PECI, A. *Administração: teoria e prática no contexto brasileiro*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2008.
- VOLPATO, G. *Profissionais liberais professores: aspectos da docência que se tornaram referência na educação superior*. Curitiba: CRV, 2010.